

O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PANDEMIA: UM DIÁLOGO COM TEXTOS PSICANALÍTICOS¹

Camila Ferreira Lima²
Vera Helena Barbosa Lima³

RESUMO:

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que recorreu a textos psicanalíticos na procura de dialogar os mesmos com a situação vivenciada pelo mundo atual, no que se refere a Pandemia provocada pelo novo Coronavírus. Em março de 2020 o mundo se viu imerso em uma Pandemia, que teve origem na China, e rapidamente alcançou proporções globais, deixando povos e países mergulhados num caos nunca experienciado na pós-modernidade. As recomendações dos mais diferentes Órgãos de Saúde e Controle Sanitário, ditaram uma série de medidas restritivas no que refere ao contato social visando conter a Pandemia. A Covid-19 trouxe consigo a concretude do sofrimento: pelo próprio corpo na possibilidade de padecimento e finitude, pelo mundo externo na forma de uma doença viral ainda desconhecida da ciência e de tratamento e das relações interpessoais na necessidade de um isolamento do outro. No período pandêmico, a impossibilidade de realizar e consumir seus desejos, colocam o sujeito frente a dor do existir. Portanto, o estudo teve como objetivo compreender o sofrimento psíquico acarretado pela Pandemia. Dessa forma, foi possível observar que alguns sujeitos negam essa realidade e se juntam com seus grupos e afetos. Por conseguinte, uma vez agrupados, eles ganham forças e dão vazão a instintos antes adormecidos. Agora sob a união grupal o indivíduo se sente fortalecido e liberto para realizar o que deseja.

Palavras- chave: Covid-19. Pandemia. Psicanálise. Sofrimento

PSYCHIC SUFFERING IN THE PANDEMIC: A DIALOGUE WITH PSYCHOANALYTIC TEXTS

ABSTRACT:

It is a reflective text that seeks to dialogue with the situation experienced by the current world, with regard to the Pandemic caused by the new Coronavirus with psychoanalytic texts. In March 2020 the world was immersed in a Pandemic, which originated in China, and quickly reach global proportions, leaving people and countries plunged into chaos never experienced in post-modernity. The recommendations of the most different Health and Sanitary Control Agencies dictated a series of restrictive measures with regard to social contact in order to contain the Pandemic. Humanity is faced with the

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 15/10/2021 e aprovado, após reformulações em 22/11/2021.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail mimiflima@hotmail.com.

³ Mestre em Psicologia e Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/CESJF, 2003. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail veralima@uniacademia.edu.br

unimaginable, with an overwhelming context. Covid-19 brought with it the concreteness of suffering, by the body itself in the possibility of suffering and finitude, by the external world in the form of a viral disease still unknown to science and treatment, and to interpersonal relationships in the need for isolation from the other. In the Pandemic period, the impossibility of fulfilling and fulfilling their desires, puts the subject in front of the pain of existing. Some insist on this realization, and deny this reality, join with their groups and affections. Once grouped together, they gain strength and give vent to previously dormant instincts.

Keywords: Covid-19. Pandemic. Psychoanalysis. Suffering.

1 INTRODUÇÃO

“O maior erro que um homem pode cometer é sacrificar a sua saúde a qualquer outra vantagem”.
(Arthur Schopenhauer)

O presente estudo buscou compreender o sofrimento psíquico advindo da Pandemia do Covid-19, utilizando como referencial, teórico, textos da teoria psicanalítica.

Presente em outros momentos na história das civilizações, as pandemias atravessaram o mundo outras vezes em outras épocas, trazendo consigo cenários de grande sofrimento e alto número de mortes. Entre tantas adversidades já ocorridas na humanidade, ressalta-se no século XIV a peste negra, que assolou a Europa levando mais de 200 milhões de pessoas ao óbito, a gripe espanhola que em 1918, causada por um subtipo de vírus da influenza, infectou mais de um quarto da população mundial, e ainda a varíola que permeou a raça humana por três mil anos, circundando líderes e comandantes de grandes nações (GULLOT; SERPA, 2020).

Atualmente, séculos depois de algumas dessas Pandemias, apesar de todo o avanço tecnológico e científico, a humanidade se vê diante de uma nova doença infecciosa e de alta transmissibilidade. O impossível e impensável assolam o mundo. As escolas foram fechadas, bares e restaurantes passaram a funcionar somente por *delivery*, muitos trabalhadores começaram a utilizar-se do *home-office*, o comércio fechou suas portas e os hospitais refletem a gravidade e falta de capacidade em atender a todos os infectados.

A nova doença, causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), se originou na cidade chinesa de Wuhan em dezembro de 2019 e já fizera 2.119.300 casos

confirmados até abril de 2020. Devido sua alta taxa de contágio em várias regiões do mundo por ser uma doença viral de difícil controle da taxa de transmissibilidade, a Organização Mundial de Saúde, prevendo um possível colapso do sistema de saúde decretou no dia 11 de março de 2020 a Pandemia do novo Coronavírus (VASCONCELOS et al, 2020).

O distanciamento social, a quarentena e o isolamento social são medidas importantes e eficazes para reduzir o avanço da contaminação pelo SARS-COV-2, vírus causador da Covid-19. Devida a alta capacidade de transmissão de uma pessoa infectada para outra, seja ela assintomática ou não, pelas gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, contato pessoal próximo ou com objetos infectados e superfícies contaminadas seguindo de contato com a boca, nariz ou olhos, somente a prevenção adequada com o distanciamento social, uso de máscaras e higienização das mãos poderá ser a melhor forma de proteção (SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE MINAS GERAIS, 2020).

Por todo o mundo imagens que refletiam o caos e o medo da realidade pandêmica percorreram a mídia e diferentes meios de comunicação. Pessoas em mercados e farmácias aparentadas com equipamentos de proteção individual (EPIs), as ruas das capitais mais movimentadas do mundo vazias, os cemitérios com valas coletivas, o exército transportando caixões na Itália enquanto nas janelas pessoas penduravam cartazes com a frase “*Tutto Andrà Bene*” (vai ficar tudo bem). No Brasil, a população aplaudia os profissionais da saúde que estavam na linha de frente na luta contra o vírus. No Vaticano o Papa Francisco rezou pela primeira vez na história da Igreja Católica a Indulgência Plenária com a praça de São Pedro vazia.

Apesar do horror causado pela Pandemia, o que se faz presente na atitude de alguns grupos, muitas vezes, nos coloca frente a uma realidade diferente. Notícias de pessoas desrespeitando o distanciamento social começam a aparecer nos meios de comunicação (G1 – São Paulo, 2020).

Mesmo sabendo das possíveis complicações advindas da Covid, como pneumonia viral que pode evoluir para Síndrome de Dificuldade Respiratória Aguda, insuficiência cardíaca, lesão renal sobre infecção, sepse, ou choque, podendo levar ao óbito (ESTEVÃO, 2020), muitos indivíduos não seguem as recomendações das organizações de vigilância sanitária e colocam assim sua vida e de seus familiares em risco.

Diante de diferentes realidades, ou seja, entre aquilo que é preconizado pelas instituições de saúde e a atitude de alguns grupos que se recusam a realizar o distanciamento social, parece que estamos diante do que Freud (2020c) descreveu em sua obra **O Mal- Estar na Cultura** em 1930, quando diz que o propósito da vida é regido pelo princípio do prazer. Para Freud (2020c p. 320)

[...] o programa do princípio de prazer que determina o propósito da vida. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho anímico desde o início; não pode haver dúvida sobre sua pertinência, e, no entanto, o seu programa está em conflito com o mundo inteiro.

Quando Freud em 1911 escreveu **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, quis deixar claro que seriam sempre dois esses princípios, e que isso dependeria de como a realidade o solicitaria (KAUFMANN, 1996).

Diante de uma realidade adversa, ameaçadora, as pessoas, não a totalidade, se retraíram para os seus lares, e dessa forma o contexto social foi esvaziado. O desalento diante dos acontecimentos foram remetidos para a busca nos textos psicanalíticos para uma melhor compreensão do posicionamento das pessoas diante de uma possível ameaça de morte.

2 SOFRIMENTO PSÍQUICO

Elencada por diversas áreas do conhecimento humano como a filosofia, arte e psicanálise, a dor do existir sempre fez parte da qualidade do humano frente a vida. Para Lacan (2016), a dor da existência surge em um momento extremo onde todas as possibilidades do desejo estão esgotadas: “[...]se não na existência mesma, e que tudo, no excesso do sofrimento, tende a abolir esse termo inextirpável que é o desejo de viver” (LACAN, 2016, p. 133).

Sustentar o desejo além do campo de existência demonstra uma face do humano. “Logo, a dor de existir é constituinte de nossa humanidade, em que estamos sempre no risco da perda” (SOLER, 2021, p. 7).

Para Colette Soler (2021, p.5), “viver inserido na civilização implica em renúncias, privações e adiamentos, que ocasionam perda de satisfação e limitam sobremaneira a ânsia humana por felicidade”. Em Freud (2020c), a sensação de felicidade só é possível, pela própria constituição do humano, por uma manifestação

episódica e por uma satisfação repentina de necessidades represadas. Já a infelicidade é muito difícil de ser experienciada.

A ameaça a partir das relações com outros seres humanos, pode ser sentida de forma mais dolorosa do que as demais mesmo com nossa tendência de vê-la como ingrediente de certa maneira fútil. Apesar disto, esta ameaça não se faz menos inevitável do que as outras fontes de sofrimento (FREUD, 2020c).

A coação de todas as possibilidades de sofrimento fez com o que o homem moderasse suas reivindicações de felicidade, ou seja, o mundo externo transforma o princípio do prazer no mais modesto princípio da realidade. Para Freud (2020a p. 59) o homem quando em contato com uma situação de desprazer “[...] toma então uma direção tal que seu resultado final coincide com uma diminuição dessa tensão, por tanto com a evitação de desprazer ou uma geração de prazer” ou seja, a busca pelo princípio do prazer. O princípio da realidade está na tentativa feita pelo indivíduo em escapar da infelicidade ou sobreviver a um sofrimento, adiando assim, a busca pelo prazer (FREUD 2020a).

Entretanto, a satisfação irrestrita de todas as nossas necessidades é um método mais sedutor na condução de nossas vidas, buscando sempre pelo prazer, se depara com o desprazer. O princípio de realidade impõem muitas vezes a situações de sofrimento, o que torna a busca da felicidade constante. Ao se considerar a realidade como a origem do nosso sofrimento, deve se romper todas as relações com ela na busca pela felicidade (FREUD, 2020c).

A relação entre o princípio do prazer e o princípio da realidade para Freud pode ser assim entendida: (2020a p. 65)

Sob a influência das pulsões de autoconservação do Eu, o princípio do prazer é sucedido pelo *princípio da realidade*, que, sem desistir do propósito de uma obtenção final de prazer, exige e estabelece, no entanto, o adiamento da satisfação, a renúncia às diversas possibilidades dessa satisfação e a tolerância temporária do desprazer pelo longo desvio para chegar ao prazer.

Estar inserido na civilização, impõe ao indivíduo restrições a sua liberdade, ou seja, ele sempre a reivindicara de forma individual contra a vontade do grupo. A difícil tarefa será encontrar consonância entre a reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo. Isto se dá pela dificuldade de o indivíduo renunciar a satisfação de uma pulsão o que Freud (2020c, p. 347) em 1930 denomina de “impedimento cultural”, seria “[...] impossível não ver em que medida a cultura é

construída sobre a renúncia pulsional, o quanto ela tem como pressuposto precisamente a não satisfação... de pulsões poderosas.”

Freud, (2017a) em sua obra **As pulsões e seus destinos** de 1915, descreve a pulsão como uma força constante de impacto que ataca de dentro do próprio corpo. Sendo assim, “[...] uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria necessidade, e para o que suspende essa necessidade, satisfação” (FREUD, 2017a p. 19).

A dificuldade de renunciar a satisfação de uma pulsão leva, segundo Freud 2020c, a existência de uma inclinação para a agressão detectável em nós mesmos e presente nos outros, isso constitui o fator que perturba os relacionamentos com o próximo e força a civilização a um elevado dispêndio de energia (FREUD, 2020c). Isso coloca a sociedade civilizada em um permanentemente estado de ameaça de desintegração que parece estar presente em toda criatura viva e tende a levá-la para a morte, podendo ser chamada de pulsão de morte, assim como as pulsões eróticas representariam o esforço de viver, entre os indivíduos a pulsão de morte e as pulsões eróticas andam juntas e oscilam entre si não sendo opostas (FREUD, 2020d). A emergência dessas pulsões oscila entre as pessoas que muitas vezes negam a vida em prol da morte.

Para Laplanche e Pontallis (1987, p. 413) a pulsão de morte “[...] é a expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico e, por fim, liga indissolúvelmente, na medida em que é “o que há de mais pulsional”, qualquer desejo, agressivo ou sexual, ao desejo de morte.”

Tendo em vista esses dois tipos de pulsão humana, a civilização constitui um processo a serviço de Eros, combinando indivíduos isolados, famílias, raças, povos e nações numa única unidade. Porém, a natural agressividade do homem e o principal representante da pulsão de morte evidencia que “[...] a esse programa de cultura opõe-se a pulsão de agressão natural dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra cada um” (FREUD, 2020c, p. 374).

A autora Hilza Maria de Aquino (2020), nos traz que na constituição das civilizações, o mal-estar sempre se fará presente, produzindo agressividade e contribuindo para o surgimento do ódio. Sendo assim a mesma lei que funda a civilização também a barra, a divide e provoca uma deformação da realidade.

Todo esse estado de estabilidade e tranquilidade, experimentado pelos indivíduos, só é possível teoricamente (FREUD, 2020d). Em paradoxo ao estado de felicidade prometido pela ciência e o avançar do processo civilizatório, elevam-se os índices de suicídio, depressão, obesidade e outras formas de sofrimento como queixas de solidão e liquidez dos laços sociais evidenciando um aumento deste mal-estar (SOLER, 2021).

Observa-se que:

Dos tempos de Freud para os nossos, poder-se-ia esperar que o sofrimento humano tivesse sido abrandado graças às melhorias e às notáveis conquistas nos campos científico, tecnológico, econômico e até social. É um paradoxo, mas as pessoas não parecem mais felizes que outrora. (SOLER, 2021, p. 6).

Como observado acima, a dor do existir é inerente ao humano. A privação e a moderação da felicidade advindas da inserção na cultura, bem como, a dificuldade da ciência e do avanço tecnológico em diminuir o desprazer e o sofrimento, coloca o humano frente a um Real. Real este tanto originalmente constituído pela perda do objeto de desejo quanto aquilo que remete ao traumático, ao inassimilável e o impossível (JORGE, 2017).

Diante de situações extremas resta a dor do existir, uma vez que o desejo se esvai produzindo destruição dos ideais advindos de perdas radicais, como aquelas ocorridas em uma Pandemia, sempre lembrando que a “[...] patologia do particular está intrinsecamente relacionada com as patologias do social” (SOLER, 2021 p. 8).

Cabe aqui ressaltar o que Freud (2020e) escreveu em **Psicologia das massas e análise do Eu** em 1921 quando se referiu que “[...] a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (FREUD, 2020e, p. 137). Dentro desse contexto, o homem não está só. Desde os seus primórdios estabelece relações com seus familiares e isso já aponta para relações sociais intrafamiliares.

Tendo em vista as relações sociais humanas, a Pandemia da Covid-19 invadiu o mundo colocando para a humanidade o impossível e o impensável. Para se proteger da disseminação descontrolada de uma doença que provoca muitas vítimas, a recomendação da Organização Mundial de Saúde é para que as pessoas pratiquem o distanciamento social e fiquem em suas casas (COSTA; SIQUEIRA, 2020).

O isolamento de amigos e familiares, a mudança na rotina, a instauração do ensino a distância, a presença maçante do home office, as incertezas quanto ao

futuro, o medo e o luto, denunciam a invasão do Real “[...] na forma de um vírus potencialmente letal e extremamente contagioso. O Real, esse conceito tão difundido na psicanálise, remete ao traumático, ao que não pode ser nomeado.” (COSTA; SIQUEIRA, 2020, p. 5).

3 SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PANDEMIA

A Pandemia fez circular um inimigo invisível e desconhecido, possuidor de uma capacidade destruidora do modelo de vida conhecido até então. Esse inimigo, colocou para nós, humanos, a possibilidade de deterioração e decadência, então o homem ao se ver em isolamento e quarentena, confronta suas possíveis formas de relação com outro (DALTRO; SEGUNDO, 2020). Tudo isso “[...] roubou muito de nós, o que amávamos, e nos mostrou a caducidade de muitas coisas que acreditávamos estáveis” (FREUD, 2020f, p. 224).

A separação, o confinamento, sentimento da perda de liberdade, solidão e incertezas em relação ao futuro, colocam para o indivíduo que vivencia o período pandêmico uma série de sintomas e pressões psicológicas. A quarentena e o isolamento social proporcionados pelo Corona Vírus podem ser vivenciados como uma experiência desagradável, desconfortável e dolorosa (ZWIELEWSKI et al, 2020).

Assim, as recomendações impostas, colocam à sociedade diante de um novo paradigma. Com a necessidade de se fazer um distanciamento social acaba-se por comprometer o instinto gregário que é atribuído de forma inata aos seres humanos. Para Trotter (1916 apud FREUD, 2020e) esse gregarismo seria “[...] outra manifestação da tendência, proveniente da libido, de todos os seres vivos da mesma espécie a se reunirem em unidades cada vez mais abrangentes” (TROTTER, 1916 apud FREUD, 2020e, p. 194). Desta forma, fica evidenciado a tendência do ser humano em se constituir a partir de grupamentos. Tudo aquilo que de alguma forma, como na questão da Pandemia, se opõe a isso causa sofrimento:

O indivíduo sente-se incompleto quando está sozinho. O medo que sente a criança pequena já seria uma manifestação desse instinto gregário. A oposição ao rebanho é o mesmo que a separação dele, e por isso é evitada pelo medo. Mas o rebanho recusa tudo que é novo, não habitual. O instinto gregário seria algo primário, que não pode ser decomposto (TROTTER, 1916 apud FREUD, 2020e, p. 194).

Como observado anteriormente, estar inserido na cultura promove um sofrimento para o sujeito. Na iminência de sua separação do rebanho e da sua recusa diante do novo, existe uma relação conflituosa entre pulsão e civilização. Sob essa perspectiva, Joel Birman (2019) descreve essa relação conflitual como estrutural e interminável, na medida em que “[...] seria necessária uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito, de forma tal que este não poderia jamais se deslocar da sua posição originária de desamparo” (BIRMAN, 2019, p. 140).

O estado de desamparo, como citado pelo psicanalista Joel Birman (2019), se faz evidente no contexto atual, o recolhimento das pessoas em suas casas, o fechamento do comércio, dos bares, das escolas e a maçante notificação da mídia em torno das consequências negativas da Covid, nos campos sociais, econômicos, educacionais e da saúde, muitas vezes colocam o sujeito frente a um sofrimento e ao desprazer. Em **Além do princípio do prazer**, Freud (2020a p. 69) descreve que:

A maior parte do desprazer que nós sentimos é certamente desprazer de percepção, seja ele percepção da pressão de pulsões insatisfeitas, seja percepção externa; mesmo que essa seja desagradável em si, ou que desperte expectativas desprazerosas no aparelho anímico, ela será reconhecida por ele como ‘perigo’.

No texto **O Mal-estar na cultura**, Freud (2020c), apresenta que a busca pela felicidade ou a prevenção da sensação de desprazer percorre o humano desde sempre, tornando-se assim o objetivo da vida para os homens, envolvendo por um lado a ausência de sofrimento e de desprazer e de outro lado a experiência de intenso sentimento de prazer. Com isso, tudo aquilo que foge a esse propósito pode ser um meio para o sofrimento.

Entretanto, o sofrimento se faz possível por três lados:

[...] do próprio corpo, que, destinado a decadência e dissolução, não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; do mundo exterior, que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis e destrutiva; e, finalmente, das relações com outros seres humanos (FREUD, 2020c, p. 321).

A realidade atual vem colocar para o homem a concretude dessas possibilidades de sofrimento. Com o isolamento e a quarentena, como discorrido anteriormente, o homem enxerga nas relações com outros seres humanos sua importância e as consequências de sua falta. Na possibilidade de padecimento do **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 444-459, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483**

próprio corpo frente ao vírus e suas complicações, presentifica-se sua finitude. Ao se deparar com uma ameaça advinda do mundo externo, o homem se vê perante a força e a letalidade de uma doença viral, desconhecida da ciência e isenta de tratamento científico. Frente a isso se faz a impossibilidade de “[...] atacar a natureza com a ajuda da técnica guiada pela ciência e a submetemos à nossa vontade” (FREUD, 2020c, p. 322). Talvez aqui se presentifique o sofrimento neste período pandêmico.

A sensação de finitude, experienciada pelo indivíduo, coloca o sujeito frente a necessidade de lidar com o luto. Para Freud (2017b) o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. No momento atual trata-se não somente da perda de entes queridos ou da sensação de liberdade, mas de todos os fundamentos que se julgavam sólidos e duráveis na sociedade.

Na Pandemia tem se vivido o luto com o sucateamento da saúde, ataques ao saber científico e boa parte da sociedade mergulhada no desemprego e desigualdade social. Esse desamparo nos coloca frente a um Real que nos invade e produz uma ferida em saberes da ciência, proporcionando uma impossibilidade de conseguir de forma digna, a realização dos rituais de luto, para que possa ser simbolizado e com o tempo elaborado, que são os rituais fúnebres. Rituais que evocam sofrimento, mas que possibilitam uma melhor elaboração dessa perda (KOVALSK, 2020).

O trabalho de luto consiste no deslocamento da energia libidinal para outro objeto ainda desinvestido de representação. Tendo isso em vista, destaca-se a importância dos rituais fúnebres, os mesmos, servem em síntese para:

[...] dar um contorno simbólico ao Real da morte. Cada família, com o apoio de parentes e amigos, vai eternizar um lugar ao seu ente querido. Vai lidar e se organizar com essa perda e, também, elaborar o que ele próprio foi para a pessoa perdida (KOVALSKI, 2020, p. 194).

Impossibilitar que os familiares e amigos possam de alguma forma realizar essa despedida e se reorganizar a partir do teste de realidade, pode intensificar o processo de luto e a capacidade de reinvestimento da libido em outros objetos, marcando a transitoriedade entre o antes e o depois (KOVALSKI, 2020).

A morte pela Covid tem trazido certas particularidades ao trabalho de luto. O corpo se faz presente para um ritual de despedida, mas as possibilidades de

contaminação são muitas e o grande número de óbitos diários impossibilitam esse momento da despedida incluído na cultura ocidental (KOVALSKI, 2020).

Pelo mundo, valas coletivas foram abertas, enterros foram realizados sem a presença de amigos e familiares. Na Itália a mídia noticiou o exército transportando caixões com corpos das vítimas da Covid, que seriam cremados sem o discurso e despedida de seus familiares. Na Índia, crematórios a céu aberto foram feitos pelo governo. Segundo Kovalski (2020, p. 196), o que se observa é “Uma banalização da morte. Há um apagamento do sujeito, sem lápide, sem memória, sem testemunho de uma vida, de uma identificação e de uma história”.

Apesar de toda essa concretude da morte, dos efeitos colaterais advindos da Covid-19 e de todas as recomendações dos órgãos de vigilância sanitária para conter o avanço da doença, o que se observa é que a atitude individual cede lugar a um comportamento grupal. A realidade é distorcida pela mídia refletindo em atitudes que o sujeito não teria individualmente.

Inseridos em grupo, os indivíduos apresentam características que não possuíam anteriormente. Dentro de um grupo maior, o sujeito se sente fortalecido, um gigante, podendo realizar o que deseja. Em contrapartida inserido numa massa, numa multidão, renuncia a seus anseios em detrimento do coletivo. E ainda tem a possibilidade de se deixar sugestionar pela maioria e não se dar conta daquilo que realmente deseja. Algumas das características observadas na mente grupal, como a impulsividade, mutabilidade e irritabilidade fazem-se presentes e imperiosas e nem mesmo a autopreservação pode superá-las. O grupo não tolera demora entre seu desejo e a realização do mesmo e a onipotência se faz presente para o indivíduo do grupo, fazendo assim com que a noção de impossibilidade desapareça. Sendo extremamente crédulo, influenciável, não possuindo críticas, o improvável não existe para o grupo. Ele pensa por imagens, que eliciam outras por associação. (LE BON, 1855 apud FREUD, 2020e).

Ao se deparar com os relatos divulgados pelos meios de comunicação, compreendemos como o comportamento grupal diante da Pandemia diverge das orientações preconizadas pelas Organizações Sanitárias. Grupos de pessoas se aglomeram em bares, festas, restaurantes e diversos eventos sociais. As praias ficam lotadas aos feriados e finais de semana. A recusa do uso de máscaras se faz presente e as redes sociais abarrotam-se de *Fake News*. Parece que se está diante do que

Freud (2020e) escreveu em 1921. Ao se organizarem em grupos o indivíduo experimenta um rebaixamento do rendimento intelectual e a massa é guiada quase exclusivamente pelo inconsciente podendo colocar em risco sua própria existência (FREUD, 2020e).

Segundo Freud (2020e, p. 159):

[...] um indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma alteração frequente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é aumentada excepcionalmente, e seu rendimento intelectual é marcadamente restringido, estando ambos os processos claramente orientados na direção de uma equiparação com outros indivíduos da massa.

Quando reunidos em grupo as inibições individuais decaem e seus componentes trazem à tona pulsões destrutivas, cruéis e primitivas que neles estavam adormecidas. O grupo pode ser intolerante quanto obediente a autoridade, desde que não se ache em dúvida quanto ao que se constitui verdade ou erro (FREUD, 2020e).

Esse momento atual vivido pela nossa sociedade vem ao encontro do que Freud (2020e) escreveu, pois o despertar para instintos tão primitivos ao participar de um grupo, nos torna vulneráveis e coloca em finitude a própria existência do grupo. Dicotomicamente apesar do elevado número de mortes pela Pandemia, e já tendo ocupado três vezes a posição de país com o maior número de mortes diárias, a mídia nacional anuncia: festas clandestinas, bares e restaurantes desrespeitando o *lock down* e uma campanha endossada por parte da população e pelo próprio Presidente da República intitulada de: “O Brasil não pode parar”, campanha essa que pode colocar em risco a integridade física do homem além de sobrecarregar todo o sistema de saúde pública diante deste evento pandêmico, causando um colapso nacional.

É mister que Freud (2020b), em 1915 ao escrever o texto **Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte** predizia a situação atual mundial:

Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns a humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo (FREUD, 2020b, p. 99).

Em 1916 no texto **Sobre a Transitoriedade**, tendo sido o mundo assolado pela primeira guerra mundial, Freud (2020f, p. 224) ressaltou que “[...] a sublime

neutralidade de nossa ciência, deixou nua nossa vida pulsional, desacorrentou nossos maus espíritos, que acreditávamos permanentemente domados por décadas de educação por parte de nobres predecessores”.

Novamente Freud (2020f) se faz contemporâneo em sua afirmação, agora não mais referente aos horrores da Primeira Grande Guerra, mas sim, no que se refere a uma nova doença capaz de colocar o homem diante de um evento tão destruidor quanto a guerra. A Pandemia, não só questiona a imparcialidade de nossa ciência, como também coloca o homem diante do desamparo, da impossibilidade de lidar com o luto e as perdas. Ao buscar evitar a ausência de sofrimento e de desprazer o homem “[...] deixou nua nossa vida pulsional, desacorrentou nossos maus espíritos [...]” colocando em risco sua própria existência (FREUD, 2020f, p. 224).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que estar inserido na civilização, implicará ao indivíduo uma série de renúncias, quer seja na sua liberdade, na sua satisfação pulsional, na troca do princípio do prazer pelo princípio da realidade assim como na compreensão de que ele não será inteiramente feliz. Para viver em sociedade é necessário o recalçamento pulsional, isso muitas vezes torna o sujeito infeliz podendo ser desencadeado transtornos neuróticos em sua personalidade (FREUD, 2020c). A dor de existir nesse momento de Pandemia se mostra extrema no momento em que o desejo não pode ser realizado nem consumado. Alguns sujeitos insistem nessa realização e se deparam com um sofrimento que pode levar à morte.

Viver a realidade pandêmica é vivenciar a invasão de um Real avassalador. É estar diante da concretude das vias possíveis de sofrimento do sujeito. A ameaça do mundo externo faz do corpo um vetor de sofrimento e a ausência das relações com outros seres humanos impõem uma privação não desejada por estes, mas necessária. Aqueles que se lançam em busca das relações grupais se expõem ao vírus ao qual a ciência ainda não conseguiu ter respostas para um tratamento possível e adequado.

Diante da Covid novos paradigmas para o sujeito em seu convívio social estão emergindo e precisam ser cumpridos. Até o final de 2019 parecia que a ciência tinha resposta para tudo e o sujeito o controle de sua vida individual e grupal. Ledo engano, pois o sujeito deseja a cada dia estar com seus afetos e são cerceados em seus

espaços domésticos para que não se contaminem. Alguns sujeitos insistem e se reúnem em praias, bares, restaurantes, eventos sociais e desrespeitam as medidas preconizadas pelas instituições de Vigilância Sanitária.

O que fazer diante dessa insegurança que o mundo atravessa, as sociedades vivenciam e os homens muitas vezes insistem em negar? Todos estão sujeitos a serem contaminados e a viver perdas de entes queridos, as respostas ainda não existem frente a tantas perdas. O que resta é que cada sujeito precisa elaborar essa dor da perda, vivenciar seu luto e ser capaz de investir em novos objetos para que sua libido fique solta e desamparada. É mister afirmar que outras civilizações em séculos passados vivenciaram perdas e sobreviveram a tristeza do momento vivido. Depois que tudo isso passar novas reconstruções interiores de cada sujeito acontecerão ou não, pois muitos permanecem na repetição.

Esse desafio irá perpassar pelos sujeitos, pelas famílias, pelos grupos sociais, em todos os âmbitos e valores, pois remetendo a Freud (2020f, p. 224) “[...] reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, talvez com fundamentos mais sólidos e mais duráveis do que antes”.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Hilza. A negação na pandemia e o mal-estar na civilização. *In*: FÓRUM do Campo Lacaniano. **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020. p. 41-47.

BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na Atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARVALHO, Ricardo Tadeu; NINOMIYA, Vitor Yukio; SHIOMATSU, Gabriela Yuka. Entenda a Importância do Distanciamento Social. **Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais**, Minas Gerais, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/108-distanciamento-social%20%20%20x> Acesso em: 16 maio 2021.

COSTA, M; SIQUEIRA, T. Prefácio. *In*: FÓRUM do Campo Lacaniano. **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020. p. 5-11.

DALTRO, Mônica Ramos; BARRETO SEGUNDO, João de Deus. A pandemia nos mostra quem somos? **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 5–8. 2020. DOI: 10.17267/2317-3394rpsds.v9i1.2844. Disponível em:

<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2844>. Acesso em: 29 set. 2021.

ESTEVÃO, Amélia. Covid-19. **Acta Radiologia Portuguesa**. Portugal, v.32 n.1, p. 5-6. 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/actaradiologica/article/view/19800>. Acesso em: 16 maio 2021.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a, p. 57- 220.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. *In*: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a, p. 13- 69.

FREUD, Sigmund. Considerações Contemporâneas sobre a Guerra e a Morte. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros Escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b, p. 99-136.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose, Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b, p. 99-121.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c, p. 305-410.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1 reimp, 2020d, p. 421-443.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020e, p. 137-232.

FREUD, Sigmund. Transitoriedade. *In*: FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os Artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020f, p. 221-225.

GUILLOT CASTAÑEDA, Carlos; RAMOS SERPA, Geardo. Principales pandemias en la historia de la humanidad. **Revista Cubana de Pediatría**. Cuba, v. 92, p. 1 - 24, 2020. Disponível em: <http://revpediatria.sld.cu/index.php/ped/article/view/1183/549>. Acesso em: 08 out. 2021.

G1 Santos. Banhistas são flagrados furando a quarentena nas praias. **G1**, São Paulo, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/05/18/banhistas-sao-flagrados-furando-a-quarentena-nas-praias-e-isolamento-cai-no-litoral-de-sp.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Tradução de Vera Ribeiro; Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KOVALSKI, Marilene. Morte e Luto na Pandemia. In: *In: FÓRUM do Campo Lacaniano*. **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020. p. 193-198.

LACAN, Jacques. **Seminário 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 10 reimp, 1987.

SOLER, Colette. **De um trauma ao Outro**. São Paulo: Blucher, 2021.

VASCONCELOS, Silvana da Silva *et al.* O novo Coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. **Desafios- Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. Tocantins, v.7, n. 3, p. 75-80. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8816/16731> Acesso em: 16 maio 2021.

ZWIELEWSKI, Grazielle. *et al.* Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela Covid-19. **Debates em Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 30–37. 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/36>. Acesso em: 29 set. 2021.